

A Lira da Paulicea: choque e memória

Arrovani Luiz Fonseca¹

A sintonia entre a História e a Literatura aparece aqui neste artigo caracterizada pela produção poética de Mario de Andrade sobre a cidade de São Paulo em duas de suas obras: *Pauliceia Desvairada* (1922) e *Lira Paulistana* (1945). Com esse objeto tomamos em análise a construção imagética da cidade moderna a partir de uma discussão que envolve a experiência do choque na tessitura da memória do autor e da cidade. Do ponto de vista cultural o interesse é entender a cidade como um texto literário que leva a compreensão da cultura do país, proposta política dos modernistas e também dos trabalhos autorais do escritor Mario de Andrade.

A fervilhante São Paulo dos início dos anos 20 presente em *Paulicéia Desvairada* e a comedida e lírica dos anos 40 nos poemas de *Lira Paulistana*, correspondem a dois registros do poeta Mário de Andrade pela cidade que tanto amou. Proponho aqui uma viagem por essas duas cidades do ponto de vista de sua topografia simbólica: ruas, avenidas, pontes, lugares, bairros, monumentos, igrejas. Topografia que além de ser concreta e real, pode ser tateada na alma do poeta, e que, portanto, transfigura-se como subjetiva, pois representa a relação do urbanita com o fragmentário da vida moderna.

A primeira viagem por essa cidade distinta nas duas representações do poeta, será acompanhá-lo em sua loucura, estado de alucinação provocado por uma cidade no auge de sua modernização na década de 20 especialmente no ano de 1922, data de publicação de *Paulicéia Desvairada* e da realização da Semana de Arte Moderna.

O trovador desvairado caminha pela cidade imprevisível em seus destinos, palco de uma inspiração comocionada para a expressão da arte nacional. O impulso lírico que o poeta tem por São Paulo, projeta-o em posições diferentes ao mesmo tempo: a cidade amada opõe-se realisticamente ao poeta amante e vice-versa.

Esta cidade bastante contraditória em sua concepção, um ar risonho entre o primitivo e o moderno, apresentava-se para Mário de Andrade numa relação amorosa tumultuada, de atração e repulsa por uma amante, evocada pelo codinome afetivo de “Paulicéia”.

¹ Mestre em História pela *Universidade Estadual Paulista – Julio de Mesquita Filho*. Especialista em História, Sociedade e Cultura pela PUC-SP. Professor da Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista-SP. e-mail: arrovani@uol.com.br

A primeira passagem ou alusão ao desvairismo² despertado pela metrópole está no poema “Rua de São Bento”. Vamos acompanhá-lo até essa rua para tomarmos nota de sua impressão.

Ali o poeta registra a fragmentação urbana para revelar uma imagem polifônica. O amor do poeta pela cidade choca-se diante das desigualdades geradas por sua acelerada vida metropolitana. Neste poema o poeta evidencia a fantasmagoria histórica de uma referencial paulistano que o vertiginoso crescimento da cidade transformou: O Triângulo Central formada pelas ruas: São Bento das Bolsas de Mercadorias e de Títulos advindos do café e do algodão, Direita considerada a rua das elegantes lojas que atraía o público feminino, e 15 de Novembro, a rua dos bancos, que desde os tempos coloniais constituía a referência central da cidade mas que “continuou sendo o foco de irradiação de progresso e desenvolvimento para toda a cidade. Dele tudo partia, e para ele tudo afluía, e assim permaneceu até boa parte do século XX”¹. A cidade neste local burburejava e se agitava ao sonoro fervilhar de transeuntes nas ruas com seus ares mercantis e capitalistas, espaço dominado por uma burguesia estreita e vulgar que domina a cidade.

Triângulo

Há navios de vela para os meus naufrágios!
E os cantares da uiara rua de São Bento...

Entre duas ondas plúmbeas de casas plúmbeas,
as minhas delícias de asfixia da alma!
Há leilão. Há feira de carnes brancas. Pobres arrozais!
Pobres brisas sem pelúcias lisas a alisar!
A cainçalha... A Bolsa... As jogatinas...²

Ao viajar pelo desvairismo da São Paulo, o poeta faz uma inferência chegando até a Rua Marechal Deodoro. O estado alucinado vislumbra uma situação na qual as imagens mostradas evidenciam o lado subjetivo que liga o poeta a cidade neste poema intitulado “O Rebanho”. Aqui Mário de Andrade faz uma crítica aos representantes do povo, que ele caracteriza em pachorrentas cabras pastando nos jardins do Palácio presidencial. Assim o poeta se refere aos imobilismos da sociedade

² No poema, Prefácio interessantíssimo, da mesma obra o autor nega ser futurista e defende o uso do subconsciente, de imagens, de colorido intenso, do belo horrível e do verso livre.

brasileira, não abrindo mão dos recursos da interjeição e da ironia para expressar o seu estado de alma.

Desciam, inteligentes, de mãos dadas,
Entre a trepidar dos táxis vascolejantes,
A rua Marechal Deodoro...
Oh! Minhas alucinações!
Como um possesso num acesso em meus aplausos
Aos heróis do meu estado amado!...

E as esperanças de ver tudo salvo!
Duas mil reformas, três projetos...
Emigram os futuros noturnos...
E verde, verde, verde!...
Mas os deputados chapéus altos,
Mudavam-se pouco a pouco em cabras!
.....

O poeta agora embarca em viagem pelo rio que sempre marcou o passado da sua cidade e da história do país. Em “Tietê” ele revive ecos do passado colonial, bastantes presentes numa localidade desenvolvida e atrasada ao mesmo tempo. Porém, lança uma visão sobre uma antiga rota histórica dos bandeirantes desbravadores do sertão, que partiam da cidade de São Paulo, explorando o interior do país descobrindo-o e fixando o território. Neste poema, Mário de Andrade revela em imagens profusas a importância desse rio associado aos aspectos positivos da busca, descoberta, conquista, senso de aventura e dinamismo de uma localidade. Assim essa idéia associada a modernização da cidade, criava uma nova imagem para ela e para o país: São Paulo, assim como os bandeirantes, deveria penetrar no interior do país, descobrindo uma nova nação com o propósito de ser moderna também.

Era uma vez um rio...
Porém os Borbas-Gatos dos ultra-nacionais esperiamente!

Havia nas manhãs cheias de Sol de entusiasmo
as monções de ambição...
As abraçações singravam rumo do abismal Descaminho...
Arroubos... Lutas... Setas... Cantigas... Povoar!
Ritmos de Brecheret!... E a santificação da morte!
Foram-se os ouros!... E o hoje das turmalinas!...

___ Nadador! Vamos partir pela via Mato-Grosso?

___ Io! Mai!... (Mais dez braçadas.

Quina Migone. Hat Stores. Meia de seda)

Vado a pranzare com la Ruth.³

Em “Tristura” o poeta paulistano e sua cidade estão se consumando num rendez-vous, à margem das convenções do amor burguês da família, nos termos da paixão do artista moderno pela cidade. A referência a símbolos urbanos, consiste em metaforizar no discurso amoroso os lugares em que essa paixão, fruto de uma relação atormentada com a cidade, vai se consubstanciando por todos os cantos da cidade. O mergulho em meio a cidade-turbilhão o coloca, como em Baudelaire, em contato com a multidão. “Em Baudelaire” - de quem Mário de Andrade também foi leitor - “a massa é de tal forma intrínseca que em vão buscamos nele a sua descrição”⁴. Porém em Paulicéia Desvairada, o tema das multidões não se desenvolve em seu aspecto tumultuário: ele apenas aparece como um detalhe da paisagem urbana que impele o poeta refletir sobre sua paixão pela cidade. Sua referência a “solidude das plebes”, relacionada a massa, povo, multidão, desvela um obstáculo pelo qual o poeta não consegue resolver para sua integração amorosa definitiva com a cidade. “O encantamento desse habitante da metrópole é um amor não tanto à primeira quanto à última vista”⁵. O poeta indica fragmentariamente, com o uso das palavras em liberdade, os obstáculos insuperáveis que produziram aquelas consequências da industrialização e do adensamento populacional para São Paulo. A cidade e o poeta entreolham-se estranhamente: de um lado está a modernidade aspirada, de outro o eu subjetivo vinculado a um ponto de vista tradicional ainda não superado.

Profundo. Imundo o meu coração...

Olha o edifício: Matadouro da Continental.

Os vícios viciaram-me na bajulação sem sacrifícios...

Minha alma corcunda como a avenida São João...

E dizem que os polichinelos são alegres!

Eu nunca em guisos nos meus interiores arlequinais!...

Paulicéia, minha noiva... Há matrimônios assim...

Ninguém os assistirá nos jamais!

Nunca nos encontramos...

Mas há rendes-vous na meia-noite do Armenonville...

E tivemos uma filha, uma só...

Batismos dos sr. cura Bruma;

água-benta das garoas monótonas...
Registei-a no cartório da Consolação...
Chamei-a Solitude das Plebes...

Pobres cabelos cortados da nossa monja!

A passagem de “Domingo” mais uma vez apresenta a dominação burguesa pelos espaços da cidade (Jardim América), além de revelar os novos hábitos cotidianos da civilização industrial que emergia em São Paulo na década de 20 como o automóvel, o luxo, o futebol, onde faz alusão a Arthur Friedenreich, ao lado de Bartô, Bianco e o “xará” do poeta Mário Andrade, grandes jogadores paulistas de uma década. A Civilização Industrial ditada pelo capitalismo, nem sempre condiz com a idéia de progresso e felicidade. Ela é exatamente o seu oposto, a medida que o alto lucro obtido para o capital destrói o ócio, e logo o poder criativo. Em associações de idéias, o primitivo corresponde a liberdade que não se tem mais no mundo moderno, é a organização industrial capitalista que passa a ditar as novas condições de produção. Nesse domingo de recolhimento e descanso dos corpos na Paulicéia, o poeta faz reflexão sobre as vicissitudes que perambulam pela cidade, esquadrinhando as futilidades da civilização.

Hoje quem joga?... O Paulistano.
Para o Jardim América das rosas e dos ponta-pés!
Friedenreich fez goal! Corner! Que juiz!
Gostar de Bianco? Adoro. Qual Bartô...
E o meu chará maravilhoso!...
__ Futilidade, civilização...
.....
Automóveis fechados... Figuras imóveis...
O bocejo do luxo... Enterro.
E também as famílias dominicais por atacado,
entre os convenientes perenemente...
__ Futilidade, civilização.5

Todas as críticas de Mário de Andrade são direcionadas a cidade como consequência de sua paixão pela cidade arlequina caracterizada pelos desequilíbrios, rupturas, possibilidades, transformações dos destinos de sua própria história. Em “O Domador” vemos o poeta caminhando por São Paulo, travando seu encontro com as contradições dessa cidade: o céu multicolorido e fragmentado, o footing das ruas, a excentricidade da Avenida (supõem-se) Paulista, a paulistania dos ancestrais, os bandeirantes, e a nova cara de São Paulo, os imigrantes italianos.

Alturas da Avenida. Bonde 3.
Asfaltos. Vastos, altos repuxos da poeira
Sob o arlequinal do céu de ouro rosa verde...
As sujidades implexas do urbanismo.
Filets de manuelino. Calvícies da Pensilvânia.
.....
Mas... olhai, oh meus olhos saudosos dos ontens
Esse espetáculo encantado na Avenida!
Revivei o gaúchos Paulistas ancestralmente!
E oh cavalos de cólera sangüínea!
Laranja da China, laranja da China, laranja da China!
Abacate, cambucá e tangerina!
Guardate! Aos aplausos do esfuziante clown,
Heróico sucessor da raça heril dos bandeirantes,
Passa galhardo um filho de imigrante,
Louramente domando um automóvel!⁶

Assim parodiando, é claro, o hino nacional cria um outro irônico, utilizando-se desses imprevisíveis acontecimentos na vida de São Paulo,

No “Anhangabaú” o poeta tenta recuperar através do palimpsesto, a imagem do rio que fez parte da paisagem urbana, que o vertiginoso crescimento da cidade apagou criando uma nova morfologia espacial para superar a antiga forma. Tenta em vão pois “sabe que decifrar/ler esta cidade é cifrá-la novamente, é reconstruí-la com cacos, fragmentos, rasuras, vazios, jamais restaurando-a na íntegra. Oferece um novo texto cuja imagem é necessariamente fraturada, descontínua”.⁷

Parques do Anhangabaú nos fogaréu da aurora...
Oh larguezas dos meus itinerários...
Estátuas de bronze nu correndo eternamente,
num parado desdém pelas velocidades...
.....
Estes meus parque do Anhangabaú ou de Paris,
onde as tuas águas, onde as mágoas dos teus sapos?
“Meu pai foi rei!
__ Foi. __ Não foi. __ Foi __ Não foi.”
Onde o teu rio frio encanecido pelos nevoeiros,
contando histórias aos sacis?

Meu querido palimpsesto sem valor!⁸

O verso de Manuel Bandeira mencionado no poema revive um traço espaço-temporal neste poema de Mário de Andrade: O Teatro Municipal, O próprio Anhangabaú, e a Semana de Arte Moderna. Ele executa essa mesma idéia nos versos do oratório profano intitulado “As Enfibraturas do Ipiranga”.

Este poema trata de uma crítica irônica à “fibra patriótica”, ao entusiasmo e a pompa oficial com que se comemorou o centenário de Proclamação da Independência, além de configurar uma representação alegórica da Semana de Arte Moderna.

“Numa disposição polifônica apresentam-se as vozes dessa sociedade: instaladas nos terraços dos hotéis e dos clubes mais chiques, temos as “senectudes tremulinas”, que são os milionários e grande burguesia; com a pompa e a suntuosidade do estilo, exibindo-se nas janelas do Teatro Municipal aparecem os “orientalismos convencionais”, os escritores e demais artistas estabelecidos, sempre disponíveis aos donos do poder; como seus protagonistas se posicionaram no meio, no vale do Anhangabaú, as “juvinilidades auriverdes”, isto é, a juventude reunida sob a bandeira verde-amarela, juventude cheia de esperanças e com alguns acentos rebeldes; em seu meio, o poeta acompanhado da figura alegórica de “Minha Loucura”. Olhando a contenda a partir do viaduto do Chá: a grande massa da população, os “sandapilários indiferentes”, os pobres que indiferentemente cavam o próprio tumulto”.⁹ Assim, o grande espetáculo polifônico por todos os cantos da cidade evoca, como uma xilogravura expressionista, uma imagem labiríntica da loucura: o coro dos contrários que se forma entre as diferentes vozes e representações ideológicas vai num crescendo até não mais conseguir se ouvir e não mais parar de gritar.

No Cambuci o ritmo noturno da cidade rumoreja pelo bairro inteiro. Os indivíduos estão diluídos no turbilhão da cidade feérica, com sua atmosfera densa que envolve-os numa sinestesia de sons, cheiros e cores das ruas que se misturam e se confundem. O poeta é o único que se exclui desse espetáculo onde todos participam. “Nas ruas celebra-se a comunhão profana, que incorpora a até o vendedor ambulante, um imigrante italiano com seu grito”.¹⁰ Vejamos os versos de “Noturno”:

Luzes do Cambuci pelas noites do crime...
Calor!... E as nuvens baixas muito grossas,
Feitas de corpos de mariposas,
Rumorejando na epiderme das árvores...

Gingam os bondes como um fogo de artifício
Sapateando nos trilhos,
Cuspindo um orifício na treva cor de cal...

Num perfume de heliotrópios e de poças
Gira uma flor-do-mal... Veio do Turquestã;
E traz olheiras que escurecem almas...
Fundiu esterlinas entre as unhas roxas
Nos oscilantes de Ribeirão Preto...
__ Batat' assat'ô furnn!...11

Agora o poeta sai do Cambuci para entrar na pomposidade inatingível do bairro de Higienópolis espaço da cidade que passa a abrigar a burguesia ignara de que tanto Mário de Andrade criticou por toda sua vidade. Este poema revela com bastante ironia, as futilidades dessa vida burguesa paulistana, arremetendo fortíssimas metáforas ao desprezo e ignorância às classes inferiores.

Tenho os pés chagados nos espinhos das calçadas...
Higienópolis!... As Babilônias dos meus desejos baixos...
Casas nobres de estilo... Enriqueceres em tragédias...
Mas a noite é toda um véu-de-noiva ao luar!

A preamar dos brilhos das mansões...
O jazz-band da cor... O arco-íris dos perfumes...
O clamor dos cofres abarrotados de vidas...
Ombros nus, ombros nus, lábios pesados de adultério...
E o rouge __ cogumelo das podridões...
Exércitos de casacas eruditamente bem talhadas...
Sem crimes, sem roubos o carnaval dos título...

Si não fosse o talco adeus sacos de farinha!
Impiedosamente...13

Sua inconformidade é tanta que o poeta e a cidade se fundem originando uma angústia que atravessa a vida de ambos. Mário de Andrade estabelece uma relação dialógica com a cidade causada pelo estranhamento que o ritmo acelerado da cidade e a febre de progresso industrial causam ao habitante da metrópole. O espaço urbano fragmentado e seccionado na cartografia afetiva da cidade, recolhe o poeta a reflexão dos destinos da humanidade (ou de sua própria cidade).

__ Cavaleiro... __ Sou conde! __ Perdão.
Sabe que existe um Brás, um Bom Retiro?

__ Apre! respiro... Pensei que era pedido.
Só conheço Paris!

__ Venha comigo então.
Esqueça um pouco os braços da vizinha...

__ Percebeu, hein! Dou-lhe gorgeta e cale-se.
O sultão tem dez mil... Mas eu sou o conde!

__ Vê? Estas paragens trevas de silêncio...
Nada de asas, nada de alegria... A Lua...

A rua toda nua... as casas sem luzes...
E a mirra dos martírios inconscientes...

__ Deixe-me por o lenço no nariz.
Tenho todos os perfumes de Paris!

__ Mas olhe, em baixo das portas, a escorrer...
__ Para o esgotos! Para os esgotos!

__ ... a escorrer,
Um fio de lágrimas sem nome!...14

A cidade nostálgica parece envolver o poeta nas diferentes manifestações da sua paixão. É no poema “Tu” que a “Paulicéia Desvairada” com os seus aspectos urbanísticos é relembrada num idílio de amor que atrai o poeta-amante ao encontro da cidade-amada.

Morrente chama esgalga,
Mais morta inda no espírito!
Espírito de fidalga,
Que vive dum bocejo entre dois galanteios
E de longe em longe uma chávena da treva bem forte!

Mulher mais longa
Que os pasmos alucinados
Das torres de São Bento!
Mulher feita de asfalto e de lama de várzea,
Toda convite nessa boca louca de rubores!12

Saindo dessa cidade que desvairou toda uma intelectualidade e fermentou as inovações culturais de uma geração arregimentada nas fortes determinações da

modernização do país, estofa da Semana de Arte Moderna, passamos agora a visitar uma cidade que revela um “ego” ferido e frustrado do poeta Mário de Andrade.

Em “Lira Paulistana” o poeta que antes utilizava de interjeições, profusão de frases, reticências, agora economiza os recursos porém sem parar de expressar sua paixão pela cidade. Com olhar sereno e objetivo, o poeta flagra a agitação e o burburinho da cidade grande, que já não aparece de forma conflitante, direta e literal, mas mediada pela solidão.

O bonde abre viagem
No banco ninguém
Estou só, stou sem

Depois sobe um homem,
No banco sentou,
Companheiro vou.

O bonde está cheio,
De novo porém
Não sou mais ninguém.¹⁵

Os ataques diretos e o sentimento de estar fora do lugar, tornam-se motivos para a busca por uma solidariedade mais humanizada no ambiente urbano. Mário de Andrade canta uma cidade não mais em seu nome, mas para aqueles que sentem as carências (amor, amizade, solidariedade) que a grande cidade impõe aos seus habitantes na luta pela sobrevivência.

Eu nem sei si vale a pena
Cantar São Paulo na lida,
Só gente muito iludida
Limpa o gosto e assopra a avena,
Esta angústia não serena,
Muita fome pouco pão,
Eu só vejo na função
Miséria, dolo, ferida,
Isso é vida? ¹⁶

Muitas vezes o poeta traça um paralelo dialógico chegando a estabelecer numa simultaneidade de imagens captadas nos flashes urbanos.

Garoa do meu São Paulo,
__ Timbre triste de martírios
Um negro vem vindo, é branco!
Só bem perto fica negro,
Passa e torna a fica branco

Meu São Paulo da garoa
__ Londres das neblinas finas __
Um pobre vem vindo, é rico!
Só bem perto fica pobre,
Passa e torna a ficar rico.

Garoa do meu São Paulo,
__ Costureira de malditos __
Vem um rico, vem um branco,
São sempre brancos e ricos...

Garoa, sai dos meus olhos.17

As alternâncias sucessivas do tempo terreno explicitam uma cidade em rotação de sentidos e formas, polifônica em seus trejeitos convulsionados.

São Paulo pela noite.
Meu espírito alerta
Baila em festa e metrópole.

São Paulo na manhã
Meu coração aberto
Diluiu-se em corpos flácidos.

São Paulo pela noite.
O coração alçado
Se expande em luz sinfônica.
São Paulo na manhã
O espírito cansado
Se arrasta em marchas fúnebres.
São Paulo noite e dia...18

Novamente a nostalgia causada pela cidade da “Paulicéia” encontra, porém, em “Lira Paulistana” a impressão acalentadora e triste que busca apreender a

cidade como um todo utilizando da palavra poética para captá-la sua simultaneidade inesgotável de imagens.

Ruas do meu São Paulo,
Onde está o amor vivo,
Onde está?

Caminhos da cidade,
Corro em busca do amigo,
Onde está?

Ruas do meu São Paulo
Amor maior que o cibo,
Onde está?

Caminhos da cidade,
Resposta ao meu pedido,
Onde está?

Ruas do meu São Paulo
A culpa do insofrido
Onde está?

Há-de estar no passado,
Nos séculos malditos,
Aí está.¹⁹

O tema da multidão é trabalhado tacitamente por Mário de Andrade. Nesta cidade efetivada num lirismo moderno e comedido o tema da solidão aparece anuçar a expectativa da relação do homem moderno. Baudelaire fez a descoberta “de que as multidões significam solidão e que os termos multitudine e solitude são intercambiáveis para um poeta de imaginação fértil e ativa²⁰ : Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis para o poeta ativo e fecundo. Quem não sabe povoar sua solidão tampouco sabe ficar sozinho numa multidão atarefada”²¹ .

Na rua Barão de Itapetininga
O meu coração não sabe de si
Não vê moça que não seja linda,
Minha namorada não passeia aqui.

.....

Na rua Barão de Itapetininga
Minha devoção dum vez,
Porque a mulher que eu amo está longe,
É... a princesa do Império chinês.

.....
Na rua Barão de Itapetininga
Minha namorada vem passear.²²

Uma bela metáfora oferecida pelos estímulos urbanos, faz a melancolia do poeta transitar das configurações concretas, monumentos, ruas, etc., para suas carências interiores, percurso apenas permitido pela profunda identidade existente entre eles. É belíssima a assimilação que Mário estabelece entre a catedral e a sua alma. Neste poema a identidade espiritual é correspondida por recursos metafóricos como “alma”, “pedra”, “corpo” que representam fusões entre o realístico aparente e o humanístico sentimental.

A catedral de São Paulo
Por Deus! Que nunca se acaba
___ Como minha alma.

É uma catedral horrível
Feitas de pedras bonitas
___ Como minha alma.

A catedral de São Paulo
Nasceu da necessidade
___ Como minha alma.

Sacro e profano edifício,
Tem pedras novas e antigas
___ Como minha alma.

Um dia há-de acabar
Mas depois se destruirá
___ Como o meu corpo.

E a alma, memória triste,
Por sobre os homens arisca,
Sem porto. ²³

Percorrendo as ruas de São Paulo, o poeta vai certificando seu elo existencial com os lugares por que passou. O embate entre a história da cidade e a história do poeta, declaram uma preocupação de revelar o mundo em que vive, por evocações literárias românticas e pela consciência que dilui as coisas no tempo.

Na rua Aurora eu nasci
Na rua aurora da minha vida
E numa aurora cresci

No largo do Paiçandu
Sonhei, foi luta renhida,
Fiquei pobre e me vi nu.

Nesta rua Lopes Chaves
Envelheço, e envergonhado
Nem sei quem foi Lopus Chaves.

Mamãe! Me dá essa lua,
Ser esquecido e ignorado
Como esses nomes da rua.²⁴

A cidade parece integrar-se ao poeta e vice-versa, mas a constatação de um micro tempo (a vida humana) convivendo com um macro tempo (a cidade) refreia o seu estado de ânimo voltando novamente a lamentar-se diante dessa incapacidade.

Por fim, há uma imagem criada por Mário que cria uma última possibilidade ao desejo de integração definitiva com a cidade.

Quando eu morrer quero ficar,
Não contem aos meus inimigos,
Sepultado em minha cidade,
Saudade.

Meus pés enterrem na rua Aurora,
No Paiçandu deixem meu sexo,
Na Lopes Chaves a cabeça
Esqueçam.

No pátio do colégio afundem
O meu coração paulistano:
Um coração vivo e bem defunto

Bem juntos.

Escondam no Correio o ouvido
Direito, o esquerdo nos Telégrafos,
Quero saber da vida alheia,
Sereia.

A nariz guardem nos rosais,
A língua no alto do Ipiranga
Para cantar a liberdade.
Saudade...

Os olhos lá no Jaraguá
Assitirão ao que há-de vir
O joelho na Universidade
Saudade...

As mãos atirem por aí,
Que desvivam como viveram,
As tripas atirem para o Diabo,
Que o espírito será de Deus.
Adeus.25

Essas duas possibilidades de leitura de uma mesma cidade empreendidas por Mário de Andrade, em dois momentos distintos de uma mesma vida. Nos poemas que denunciam os aspectos tumultuados da vida moderna na cidade está, por parte do poeta, as formas sensíveis de se perceber o objeto urbano. O entusiasmo e a ironia, a afetividade e a criticidade, não apontam para uma homogeneização do olhar urbano. Aqui e experiência do choque Pelo contrário, na medida em que a cidade pode compreender diferentes visões, é que se chega a uma impossibilidade de totalização.